

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Denúncia que fica pelo meio do caminho

O 33º Porto Alegre em Cena, veio, neste ano, com uma seleção extraordinária de espetáculos, com alguma evidente mudança de critérios, embora não explicitados, que redundou numa redinamização da principal mostra de artes cênicas da cidade.

Por exemplo, tivemos dois espetáculos assinados por Yara de Novaes, com resultados bastante diferentes, o que evidencia que um diretor não faz milagres: depende, e muito do material que tem em mãos, da dramaturgia à equipe técnica e, evidentemente, do elenco.

Começo com *Mãos trêmulas*, de Victor Nóvoa, cujo tema - o etarismo - é mais do que oportuno. O espetáculo, de cerca de uma hora, traz dois personagens. De um lado, uma costureira de figurinos teatrais que, com a idade, começa a ter suas mãos trêmulas e, em consequência, necessita de mais tempo para trabalhar, ainda que comece a apresentar deficiências de acabamento em seus trabalhos. Do outro lado, um antigo cozinheiro que, do mesmo modo, com a idade, começa a ter suas mãos trêmulas e enfrenta dificuldades com o ritmo de trabalho na cozinha de um restaurante.

O encontro dos dois se dá numa situação-limite: o homem, expulso do restaurante, indignado e emocionado, está todo urinado. É nesta condição que ele toma um ônibus para ir - não sabe bem para onde. Encontra-se, contudo, com a mulher, que o recebe com simpatia e compreensão. Cleide Queiroz e Plínio Soares são os emocionantes intérpretes que, desde o primeiro segundo de sua entrada em cena, capturam a atenção e exigem a empatia do espectador: Yara de Novaes optou por apresentá-los quase desnudos, apresentando seus corpos com as marcas evidentes da idade. Assim, dispensam-se palavras de explicações ou apresentações. Em palavras simples e duras: são dois velhos cuja perda de utilidade para o sistema faz com que se tornem dispensáveis.

A mulher, de certo modo, tem mais fibra do que o homem: ela resiste numa casa aos pedaços, de que deve vários meses de aluguel. Ele nem casa tem. Ela o convida e eles somam suas fraquezas transformadas numa nova força, o amor pela vida.

O texto de Nóvoa desenvolve um pro-

blema crescente na sociedade brasileira, pelo menos há três décadas, e para o qual ninguém se preparou: a gentrificação. O Estado, em todos os seus desdobramentos, vira o rosto à questão. As estruturas de assistência social não foram capacitadas para lidar com o cenário. E a sociedade, de modo geral, não se sensibiliza com este desafio: quanto mais se demora para resolver, pior fica.

Claro que, para o pobre a situação é pior. Mas psicologicamente, nem o idoso de classe média ou alta classe escapa da marginalização e do descarte, nem que seja o social e/ou social. Nóvoa, portanto, põe o dedo na ferida. Mas isso não basta. Tem de botar o dedo na ferida e conseguir desenvolver o problema.

A dramaturgia que aqui se tem alterna-se entre passagens altamente poéticas, emocionantes, e as referências diretamente realistas: a capacidade de dois seres humanos se amarem, inclusive no sentido físico, é a marca da vitalidade erótica da humanidade. Mas em tensionamento, há as questões objetivas da sobrevivência: comer, morar etc. Mas Nóvoa não consegue manter o equilíbrio até o final do seu texto: avisados de despejo, a mulher resolve cobrar um dinheiro que lhe devem. Vai até o teatro e enfrenta o produtor do espetáculo. Leva uma faca consigo. Poderíamos chegar à tragédia, seria uma solução: as páginas dos jornais estão cheias deste tipo de noticiário.

Mas Nóvoa não faz esta opção. O casal volta para casa, reaviva antigos figurinos, com os quais se veste - significativa, é um figurino de tule, que pouco veste e pouco tapa - e fica à espera. De quê? O espetáculo assim termina, de forma frustrante: não há saída? Então, sejamos explícitos. É uma opção com o objetivo de evitar escolher alguma alternativa? Seja como for, o dramaturgo parece abrir mão de uma posição, e isso prejudica sua obra. A diretora Yara de Novaes teve pouco a fazer. O que alcançou, com excelente resultado, foi humanizar ao máximo os dois personagens. E neste sentido, os dois intérpretes são soberbos e valem o espetáculo, fortemente identificados pelos figurinos minimalistas de Fábio Namatame e o espaço cênico de André Cortez. Mas Victor Nóvoa ficou se devendo... E a nós, também.

acontece

RICARDO LAGE/DIVULGAÇÃO/JC



Atriz interpreta a Guardiã da Vida em *Céu Interior*, atração no Teatro Unisinos neste domingo

Ingra Lyberato une teatro e terapia em espetáculo imersivo inédito

Joana Luna Camargo

“Essa é a experiência mais coletiva no teatro que eu já vivi.” É assim que Ingra Lyberato, atriz, escritora e terapeuta, descreve *Céu Interior*, montagem cênica imersiva que reúne teatro, música com instrumentos ancestrais, poesia, performance corporal e pintura ao vivo. O espetáculo chega ao Teatro Unisinos neste domingo, às 19h, com ingressos entre R\$50,00 e R\$200,00, disponíveis pela plataforma Sympla.

A gênese do projeto remonta aos últimos sete anos de trabalho da atriz como terapeuta sistêmica, usando de ferramentas como a constelação familiar e formações em ecopsicologia. Nesse período, desenvolveu, ao lado do músico especializado em *sound healing*, Thiago Salamoni, uma série de encontros terapêuticos presenciais que já incorporavam elementos artísticos, entre eles, o textos, a danças e a música. “Começamos a compartilhar a vontade de expandir essa vivência para além da terapia”, relembra. A ideia amadureceu aos poucos, somando outros nomes - Thiago Tenório, Evander Bica, a professora de yoga Camila Zen -, até ganhar corpo de espetáculo num teste realizado num retiro da própria Camila. “Cada um escrevia seu próprio texto”, conta Ingra, sobre o processo que teceu a dramaturgia, costurada posteriormente por Tenório, que assina o roteiro.

O conteúdo que ela leva ao palco nasceu de forma espontânea no próprio consultório, fruto de atendimentos em que percebia recorrentemente a presença do mesmo tema: as heranças emocionais - positivas e negativas - que carregamos antes mesmo de nascer. Em

cena, interpreta a Guardiã da Vida, responsável por trazer à tona a ancestralidade - “de onde a gente vem, o que nos constitui”, resume.

Já a proposta de dissolver as fronteiras entre palco e plateia não significa necessariamente interação física direta com o público. “Convidamos a plateia o tempo todo a viver as experiências junto com a Viajante, personagem principal”, explica Ingra, descrevendo uma estrutura dividida em atos, que segue a lógica de uma jornada do herói clássica. As artes visuais também sobem ao palco: uma pintura ao vivo de Karla Miranda reforça o caráter único de cada sessão, já que cada apresentação resulta num quadro inédito.

Para a atriz, o trabalho também marca um retorno aos palcos depois de anos de pausa - a peça *Inimigas Íntimas*, que ela protagonizou por 12 anos em Porto Alegre, interrompeu as apresentações na pandemia e nunca foi retomada. Desde então, dedicou-se majoritariamente ao universo terapêutico e à escrita, lançando três livros. Ela destaca o papel do diretor Fernando Rodembusch como facilitador, e não como figura de comando tradicional. “Ele é o grande apoio que nos dá segurança criativa, mas todo mundo contribui.”

Do público, ela espera um convite a desconectar da avalanche de estímulos digitais do cotidiano. “A ideia é que, naquele tempo de uma hora e meia, a gente possa vibrar juntos numa mesma frequência, a partir do coração”, diz. “É um grande mergulho coletivo nisso que carregamos dentro de nós - muito mais desafiador, colorido e intenso do que qualquer historinha assistida no celular.”